



Sarah Bauer

PARANÁ | JUNHO DE 2013 | EDIÇÃO XII | ANO III

Colaboradores

Leonardo Ávila

Escritor e estudante carioca. Vive em Curitiba.

Melissa Rocha Pitta

Escritora curitibana.

Iara Amaral

Designer editorial.

Sarah Bauer

Ilustradora. Publica seus trabalhos no endereço devaneiosdegaveta.wordpress.com.

Adriana Zapparoli

Escritora, poeta e tradutora. Realizou pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (SP). Seus poemas foram publicados em revistas de arte e literatura impressas e eletrônicas.

Daniel Zanella

Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Flerta no chat do UOL.

Marcos Monteiro

Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Anda ouvindo música indie por influência de Terceira.

Ricardo Pozzo

Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Daniel Osiecki

Escritor e professor de literatura curitibano. Publica seus trabalhos no endereço poesiaetavolaredonda.blogspot.com.

Luíz Horácio

Escritor, professor de Literatura, tradutor, roteirista. É natural de Quaraí (RS) e vive atualmente em Porto Alegre.

Marcos Prado & Sérgio Viralobos

Poetas curitibanos.

Mario Domingues

Poeta curitibano.

Editorial

É junho no coração frio das araucárias: estamos maiores em folhas e em exemplares. Agora somos 24 páginas e três mil jornais. Uma mudança necessária. O volume de material recebido em nosso e-mail de contato estava comprimindo as edições a ponto de termos que reservar textos recebidos no mês anterior para três edições além. Ainda não está sendo suficiente, mas já é alguma coisa.

A distribuição é um fator preponderante para o crescimento de nosso periódico. Com mais mil exemplares iremos entrar em mais cafeterias, bibliotecas, universidades e encaminharemos mais jornais para outras praças. Também teremos mais fôlego para participar de feiras e distribuir em livrarias.

Entretanto, o aumento de tiragem e de escritores em nossas páginas não é tão importante quanto a seção de prestação de contas que iniciamos nesta edição. A partir de agora, todo mês, iremos divulgar nosso balanço do mês anterior, ou seja, nossos prejuízos e supostos lucros, afinal, é bom lembrar que somos um impresso sem fins lucrativos.

O excedente (raro) de cada edição será justificado. Você, leitora, você, leitor, acompanhará o pagamento de nossos anunciantes e o crescimento (ou não) de nosso banco de assinantes.

Enfim, acreditamos que ao abrir nossas contas exercemos concretamente à transparência e damos validade ao constante crescimento de nosso projeto editorial: um jornal representativo da literatura de nosso tempo, feito por gente que busca maiores amplitudes e acredita no potencial transformador da literatura.

É isso.

Boa leitura a todos.

Mariela Mei

Escritora paulista.

Julia Godoy

Escritora. Publicitária. Nascida em São Paulo. Mora na Bahia.

Leonarda Glück

Atriz escritora tradutora blogueira

Raphael Moroz e Milena Baduschi

Jornalistas curitibanos.

Lourenço Mouro

“Tudo que sou, devo à briga entre João Gordo e Dado Dolabella”.

Matheus Toniolo

Poeta.

Sid Summers

Escritor baiano.

Fernando Martins Almeida

Estudante de Publicidade e Propaganda na UP.

Cilene Tanaka

Escritora e dramaturga curitibana.

Tullio Sartini

Escritor e tradutor. Mora no Rio de Janeiro (RJ).

Manolo Ramires

Cronista e jornalista curitibano.

Jean Foucault

Poeta francês radicado em Curitiba.

Juliana Vallim

Escritora e fotógrafa curitibana. Publica seus trabalhos no endereço julianavallim.wordpress.com.

Pedro Carrano

Poeta curitibano.

João Debs

Fotógrafo curitibano.

EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeirete

Projeto Gráfico: Iara Amaral

Arte-final: Marcos Monteiro

Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 3000

Edição Finalizada em: 5 de junho de 2013

Contato

twitter.com/jornalrelevo

@jornalrelevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores

issuu.com/jornalrelevo

CUSTOS

Impressão: R\$ 660

Correio: R\$ 80

Distribuição: R\$ 70

Papelaria: R\$ 30

CUSTO TOTAL: R\$ 840

ARRECADAÇÃO

Anunciantes:

R\$ 100 (Livraria Joaquim)

R\$ 100 (Toda Letra)

R\$ 50 (Avon)

R\$ 50 (Fisk)

R\$ 50 (Pão e Vinho)

R\$ 50 (Dicesar Beches)

R\$ 50 (Calceaki)

R\$ 50 (Wonka Bar)

R\$ 70 (Casa de Sol)

PRESTAÇÃO DE CONTAS maio 2013

CUSTO: R\$ 840

ARRECADAÇÃO: R\$ 820

BALANÇO: -R\$ 20

ASSINANTES

R\$ 50 (Katia Brembatti)

R\$ 50 (Adriana Zapparoli)

R\$ 50 (Marili Kicot)

R\$ 50 (Cesar Felipe Pereira)

R\$ 50 (Rodrigo Madeira)

ARRECADAÇÃO TOTAL: R\$ 820

DICESAR
BECHES
Advogados associados

www.dicesaradvogados.com.br

Avenida Iguaçu, 2947, sala 74 (41) 3082-1470
Água Verde, Curitiba - PR

Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR (41) 3242-1554

São Paulo em chamas

Daniel Zanella

O caos sob a ótica de uma escritora vulcânica

Ryane Leão é um coração em permanente sangria. Suas feições lembram a fase taitiana de Gauguin. É feminista. Escreve com o sexo das palavras, sempre em minúsculo, embora viva em caixa alta, on fire. Lésbica. Bebe além de três encarnações. Muito. Muito mesmo. Mais do que eu. Cerveja e vinho. Principalmente cerveja.

bebo como se o líquido fosse salvar minha alma, mas meu corpo também estragou, minha mente está podre. então bebo para causar esquecimento em cada poro meu, bebo pra desaparecer. mais um gole mais um gole mais um gole mais um gole, e sumo. essa necessidade de sumir todos os dias faz com que eu me engarrafe. meu fracasso diário, para muitos. minha vitória imediatista, para mim. enquanto estou de porre me dissolvo.

Na infância acreditava em Papai Noel. Ficava esperando na janela. Sua mãe dizia ter visto o trenó à meia-noite. Mas era meia-noite e um e não havia mais trenó. Nasceu em Cuiabá, a cidade onde os deuses fazem o sol passar fome de ser. São Paulo é casa, Cuiabá é o lar.

Escreve sobre o amor com o lápis da contradição, para escorrer uma alma na outra. É o meu amor mais duradouro. Em determinados dias, desculpo-me por desejá-la, meu único amor que não exige o que não posso dar. Mora sozinha. Tem uma

gata chamada Lúcifer.

é a minha maior companheira. tudo acontece, nada acontece, e ela continua aqui. e eu sei que ela gosta muito de estar aqui. ela cheira meu rosto todos os dias que eu chego, pra ter certeza que a minha fidelidade está se equiparando a dela. estou sempre aqui, sempre de volta.

Em seu quarto, os livros se espalham como se numa casa desabrigada, inúmeros ao acaso. As paredes também se escrevem, marcadas por poemas, revoluções, insígnias, velhos amores, alguns arrependimentos. O apartamento de duas peças no Santa Cecília exala confronto, uma certa inaptidão de ser, um santuário que grita em silêncio.

Em seu relicário afetivo constam principalmente Bukowski, Fante, Caio Fernando Abreu, Leminski, Nick Hornby, Daniel Galera – que eu não gosto muito, minha querida – e Clarah Averbuck, de *Máquina de Pinball*, seu primeiro atropelamento em São Paulo, em 2006, mas não tenho certeza disso. Chama-a de Lady Averbuck. Também companheira de trago.

Coração de dois alqueires, apaixonase à velocidade do sonho. Conheci-a quando namorava uma jornalista curitibana dada ao flagelo. Ainda utilizava o pseudônimo Dolores Del Fuego, que parou de usar e nunca soube o porquê. E estas coisas não

se perguntam. Desgosta da cidade com a propriedade das lembranças. Reclama da falta de bares 24 horas na capital do frio bipolar. Ela é a moça da capa da quarta edição do RelevO – e aquela que sempre que algum amigo novo me visita (e observa as capas pregadas na parede) pergunta quem é. Tenho ciúmes e minto sempre uma nova verdade.

Suas fúrias perpassam por botecos baratos, masturbação, LSD, desilusões, solidão, a Baixa Augusta, a cerveja do calçadão de domingo quando a ressaca avassaladora ainda sombreia a tarde e as dores não parecem tão opressoras, o fluxo da dor.

Ano passado, o feminismo. Leu muito, quis saber, foi às marchas. Evita ir ao mercado de shorts. É assolada pela condição etérea de ser linda, evidentemente transgressora e insuficientemente compreendida pelos homens machistas.

certa vez um cara correu atrás de mim em meio a avenida paulista e ficou me chamando de vacilona, porque mostrei o dedo médio pra ele depois dele me assediar.

Vive em regime picaresco com São Paulo, uma anti-heroína a enfrentar as amplidões sufocantes da urbe, as mulheres que não compreendem sua maré, o afeto em forma de pólvora sem arma.

são paulo, são paulo. ingrata, malditinha e bem filha da puta, mas apaixonante. quando chove muito inunda minha rua e meu coração. são paulo é minha amante, não importa a mulher que eu esteja. todo mundo que mora aqui reclama muito. eu não. claro que às vezes eu me irrita com o trânsito, a poluição (que deixa a pele podre), o barulho, etc.

De noite, quando a metrópole se

assume como tal, blocos de breu observando-se em narciso, cola lambe-lambes nos muros e postes das avenidas, logo ali, onde a letra encontra o cimento. Está em processo de existir efetivamente como escritora, com livro pronto. Sua voz é muito mais alta do que considerável fatia do mercado literário contemporâneo. Falta-lhe, talvez, matar um certo espírito de autossabotagem.

É domingo, duas da tarde. Dormi às seis, mas Ryane Leão foi até às nove, bebendo a tempestade. Desconfio de que está de mau humor. Comemos uma berinjela recheada, não sei se é bem isso, e observo esta mulher em estado de luto etílico e penso em viver ao seu lado na cidade sem mãos de amparo, uma filha, as histórias que contaríamos. Para não assustá-la, calo meus devaneios e pergunto como voltou e se a noite a tratou bem.

tenho sonho de ser mãe, quero parto normal, em casa, tranquila. ou parto na água no hospital. não quero cirurgia porque acho que as coisas devem acontecer naturalmente (my body is ready). tenho uma coisa materna cravada em mim, que nem sei da onde vem. eu quero engravidar. sou apaixonada pela possibilidade de criar alguém (e ser recriada por esse alguém), de dividir o espaço. eu quero ser mãe. eu quero muito ser mãe.

Ryane me lembra. eu sou uma mau humorada do caralho. não esqueça de escrever isso. Não é. Escritora dos prédios sem perdão e corpos sem pudor. eu só sou um coração sangrando e batendo tum tum tum. molinha, molinha.

ARAUCÁRIA ANGUSTIFÓLIA

Marcos Prado & Sérgio Viralobos

taça de luz o caralho
pinheiro espinha ninho
pinha não é pra bico de passarinho
só gralha se empoleira no seu galho

a mais mau caráter das plantas
prepondera sobre as gramas ralas
e acha as outras todas palhas
por que além de si vicejam tantas?

não há vento que alise sua carapinha
pinheiro não dá sombra pra ninguém
suas iras fincam raízes na vizinha

a árvore casca grossa desde o gen
nega fogo se for palito de caixinha
será o diabo se houver vida vegetal no além



João Debs

Enquanto Patrícia não volta

Mariela Mei

Agora a água calma reflete apenas dois ou três raios do sol que se coloca abaixo do horizonte, naquele lugar onde os vivos nunca chegaram. Aquele lugar que escapa mais rápido que a escuna de nosso pai. Mas tenho que lhe dizer, Patrícia: na hora em que cheguei aqui ele estava sobre meus ombros, e o calor só fazia lembrar você. Sua mão quente que segurava na minha quando a mãe nos deixava ir sozinhos até o mercado, e você levava dentro do sapato alguns trocos que tinha guardado por semanas, e então comprava o doce de abóbora que eu comia na volta para casa.

Já se passaram três dias de vigília. Três dias que os velhos deixaram de comer e que Aninha não sai da cama. Três dias que o mesmo sol me tem como companhia. Dona Rosa, a vizinha beata de Tadeu, diz que é pecado pedir a volta de quem já morreu, principalmente com morte fresca. Mas eu não ligo, Patrícia, e se eu pudesse buscaria você aí, bem debaixo dessa linha distante onde os vivos não chegam. Mas, se isso fizesse, a mãe e o pai não comeriam nunca mais, e Ana me amaldiçoaria não só pela sua, mas por minha morte e a dos velhos também.

Eu sei que você diria agora que eu não me consumisse pela culpa, que meu nado nem é tão bom assim

para tirar a irmã mais velha da boca do mar. Mas eu sei, maninha, que o crime não foi a pouca habilidade. Porque vê-la se debater por entre as ondas enquanto seus cabelos ruivos sumiam no meio da espuma e depois reapareciam sobre a boquinha aberta e os olhos esbugalhados foi demais pra mim. Confesso que antes de tudo, antes do estômago estrangulado e da imobilidade, antes da dúvida e do medo, você parecia brincar. Uma brincadeira daquelas que colocam qualquer um no desespero, mas, apesar de tudo, uma brincadeira. E foi tarde que veio a consciência da realidade, a sensação do perigo, o cheiro estranho do medo, o silêncio ocre do fim.

O sol já foi, Patrícia, e eu preciso voltar pra casa. O pai tem que tomar banho e a mãe pentear os cabelos. Não sei se você sabe, mas Aninha não sai mais de sua cama, e toda vez que tento trocar os lençóis cheios de urina ela coloca meu nome na lista do diabo. Mas eu não ligo, Patrícia, pois é percebida e grande a falta que você faz, tão grande que abriu-se um buraco no meio do tempo. O buraco levou-nos tudo. Levou-nos você, levou-nos a vida. E as ondas agora estão tão pequenas e tímidas que eu quase posso ver os seus cabelos. Quem sabe você volta... Vem, vem comigo, Patrícia. Vamos para casa. Vem pentear os cabelos da mãe...



Sarah Bauer

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895

Julia Godoy

SIBULINO

Pés descalços corriam no quintal de terra batida. Sob seus olhos infantis, o minúsculo quintal parecia do tamanho do mundo. Era o seu mundo. Uma imensa galinha amarela com manchas negras e olhos vermelhos e furiosos devorava as inúmeras baratas que, desesperadas, corriam pela terra, enfiando-se nas fendas do solo. Tudo em vão. A galinha, caçadora experiente, cravava, sem piedade, suas ferozes garras nos insetos castanhos e penetrava sua comprida língua em seus esconderijos subterrâneos, buscando, não apenas as baratas, mas também suculentos vermes brancos e cegos. O garoto perseguia a galinha, percorrendo círculos invisíveis pelo quintal e gargalhando muito. Era o seu jogo favorito.

Prisioneira daquela casa, sua mãe cozinhava batatas velhas e verrugosas em uma panela escura, cuja superfície estava coberta de fuligem. Picotou alguns aspargos que secavam nos buracos da parede de barro, protegidos pelas divindades enfileiradas em um precário altar de cera. Os fungos que se formavam na escuridão daqueles buracos proporcionavam um sabor especial à refeição. Era dia de São Salafônio e, por isso, a mãe se empenhava especialmente naquele almoço. Nem se importava com o som do galope do menino lá fora, que chegava aos seus ouvidos sensíveis como o estrondo do martelo de Thor, nem com seus agudos ganidos, que secavam seus tímpanos como ameixas deixadas ao sol. Sonhava com o dia em que seu filho mais novo teria idade suficiente para deixar a casa materna,

como fizeram todos os outros antes dele. Já o havia suportado por sete anos e meio, muito mais do que lhe obrigava sua condição de mãe (era o que diziam as vizinhas, aquelas velhas mexeriqueiras), mas ela era condescendente, aprendera a ignorar as anciãs do vilarejo, que perfuravam suas têmporas com seus olhares inquisidores, e tinha pena daquela criança louca com passos desequilibrados de trovão. Por isso o mantinha ali, apesar da idade avançada, fingindo não notar os imensos buracos que o menino, em suas sandices, fazia pelo chão do barraco.

Agora uma insuportável cacofonia se somava aos ruídos produzidos por seu filho: era a procissão dos devotos de Salafônio que se aproximava, seguida pela banda local. O ribombar dos tom-tons e a vibração das pandeiretas destoavam do som abafado do antigo flugelhorn em forma de meia-lua. Nada era harmônico na desafinada bandinha formada por adolescentes espinhentos, gordas solteironas e velhos senis do pequeno vilarejo camure. Como mandavam as tradições locais, as criancinhas que corriam aos berros atrás da banda distribuíam fitinhas coloridas em todas as casas por onde passava a procissão e recebiam, em troca, umbus e siriguelas maduros. As crianças que não haviam se comportado bem durante o ano, ganhavam, em vez das suculentas frutas, nacos de carne podre enrolados em barbante, que deveriam ser enterrados ao pé de uma jaqueira virgem (o que era cada vez mais difícil de encontrar, pois a promiscuidade se espalhava como

um câncer entre árvores da região). Acreditava-se que esse ritual traria juízo àquelas pequenas cabeças imundas por onde corriam piolhos displicentes.

Sibulino nunca participava das procissões e outros eventos, na verdade ele raramente saía de casa. A mãe já se acostumara com a presença cada dia mais invisível de seu filho, sempre entre as paredes do casebre, enfiando-se escorregadio pelos buracos onde cresciam trufas almiscaradas e fungos de cores vivas e exuberantes. “Não coma os fungos”, ela dizia sem muita convicção. Não acreditava que o garoto pudesse entender qualquer palavra que ela dissesse. As palavras escapavam de sua boca mecanicamente, como um resmungo. Qual um verme, ele devorava ruidosamente o barro e tudo o que nele habitava. Saciado, dormiu pesadamente, enrodilhado como uma criatura comprida e cheia de pernas, semelhantes a pequenos pelos pretos, por toda a extensão do seu corpo esguio. Ainda assim, a mãe encaixou uma batata fumegante em um dos buracos do barro. O cheiro penetrou pelos seus poros, despertando-o aos poucos. Movimentou lentamente o seu corpo pesado, que já não cabia naquele túnel estreito, o que fez surgirem crepitantes rachaduras na velha parede. Afrouxando as longas pálpebras, exibiu dois pontinhos negros e brilhantes. Seriam olhos? Esticou uma boca segmentada, estendendo seus anéis viscosos, e sugou a imensa batata, destruindo-a em segundos. “Estava muito gostoso, mamãe. Obrigado!” Por um instante, a mãe vislumbrou o sorriso

inocente do seu pequeno anjinho, emoldurado por bochechas rosadas. Recobrando a pouca razão que lhe restava, lembrou-se que o menino há vinte anos já não habitava mais aquela casa. Num lampejo, destruiu a vassouradas furiosas o monstro que se escondia na parede.



O Onipotente

Leonarda Glück

Deus são as leis do universo. Deus é o cosmos se movimentando. Deus são as galáxias cheias de anéis. Deus são as estrelas ascendentes, cadentes. Deus é gás. Deus é poeira. Deus é buraco negro que a tudo engole, é piche. Deus é energia transcendental. Deus é Andrômeda. Deus é Atlântida. Deus é Pompeia, Chicago e Nagasaki. Deus é a arte, o sublime e o grotesco. Deus é Zeus. Deus é Iansã. Deus é uma nebulosa louca. Deus são as criancinhas ranhentas, a chuva torrencial, a água eterna enquanto dure, o sol subindo e descendo, o inigualável verde das plantas, o corpo em movimento, os céus azuis, vermelhos e acinzentados, as infinitas mudanças dos corpos cavernosos. Deus é a margarida, o porco espinho. Deus é a Beyoncé e a Valesca Popozuda. Deus é catar cavaco. Deus é o funk carioca. Deus é a guerra. Deus é a polícia. Deus é o amante traidor. Deus é dívida. Deus é o papel. Deus é a tinta. Deus é o sorvete de pistache. Deus são as aranhas marrons. Deus é o western spaghetti do Clint Eastwood. Deus é a Tailândia. Deus é o pastel da feira. Deus é o dinheiro. Deus é o cabelo anelado, o nariz adunco, o mamilo e o ânus rosáceos. Deus é a porra jorrando louca pra fora do pau. Deus é o suco da buceta. Deus é o meu orgasmo múltiplo. Deus é a queima da Bíblia, mas a paz, não

Deus não é a paz.



Joaquim Livraria

livronauta@joaquimlivraria.com.br

Rua Alfredo Bufren, 51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR

LIVROS - LP S

 (41)3078-5990

www.joaquimlivraria.livronauta.com.br

Ouro de tolo

Fernando Martins Almeida

impossível não acabar sendo do jeito que os outros acreditam que você é –
gritou Gabriel, meu vizinho
24 anos e sinto-me com 84
Tuberculoso, senil
Você passa uma vida aberto a sorrisos, afeições
Para terminar às 11 da noite do dia 31 em um posto de gasolina comprando
mini garrafas de uísque, sozinho
Ou se masturbando, sonhando com mulheres que nunca irá conhecer.
Visitei um dos amigos, Diogo, às 14
“Vamos sair porra! Vamos tomar uma! Chega de bocejar, minhas pupilas
não dilatam mais!”
como todo bom amigo, conversamos, mesmo após nada mais a dizer
Mas teve que ir embora por força maior, sua mulher. Olhou pra cima,
Ritalina brincava de rosquear a aliança no próprio dedo e nos observava
pela janela – eu, ele e meu nariz
que estava escorrendo, fruto de uma gripe boliviana
Os outros amigos estavam com suas famílias, seus filhos feitos sem
camisinha, suas mulheres gordas e novas e parentes distantes sem nenhuma
intimidade causando silêncio na sala de estar.
Segundo Deus, era pecado comemorar mais um ano de nossas vidas na
Terra, então Papai não celebrava, ele ia dormir e apesar do barulho e
cheiros, fingia ser apenas mais um dia no Paraíso
Mamãe estava com a namorada.
Minha ambição é honesta, sabe?
Eu só queria trilhar meu caminho, seguir meus planos, dar importância as
minhas coisas pequenas – sem enlouquecer.
Carrego cigarros soltos paraguaios e pulmões bronzeados
na sacola 7 cervejas e uma pedra 90
Bebo rápido pra não esquentar
Caminhando em direção à praia,
Por ruas onde amei de verdade, iluminadas por enfeites de Natal ainda não
recolhidos
Evocando memórias nubladas, sentimentos idosos, maníacos
Meus olhos ficam vermelhos...
O peito começa a chiar. Não me permito fraquejar.

Estaciono em um prédio de frente ao mar
23:54
pingos grandes e grossos caem como cuspes
Pessoas, muitas, embaixo das marquises nos prédios, aguardam os fogos e
escondem-se dos ventos e raios no último dia do ano
Passam por mim como se eu fosse um fantasma, um móvel velho na sala da
cidade
Encontro outro amigo e sua família, cumprimentos – feliz ano novo! – e
todas aquelas merdas ensaiadas
seu olhar de compaixão faz um bem danado, pra ele
Que agradece no íntimo ao seu Deus pelas bênçãos que alcançou na vida
percebo-me com os dedos sujos, barba bicolor, dentes amarelos, camisa de
vereador e um cheiro de mijo e suor de dias
Ele coloca 10 reais no meu bolso, diz que é pra eu comer, não usar droga
Não sinto fome, sinto desejo
Saio em direção aos vendedores ambulantes da praia
Dois PMS a pé me abordam antes, revistam minha mochila, meu espírito
Um deles me pergunta se conheço a assistência social. Eles riem.
Viados. Não quero saber. Cansei de assistencialismo. De Marxismo,
Capitalismo, Feminismo, Sadomasoquismo, Conservadorismo, de
aforismos. De ismos.
Há canalhas tanto de esquerda quanto de direita, disse-me uma vez tio Nelson.
Eles me liberam, vou embora em silêncio – mas guardo os nomes que vi na
farda -
Quem não deve, não chama policial de Senhor.
crianças, mulheres e velhas com o cabelo imóvel me olham com medo,
nojo, desdém
Fogos. “A prefeitura investiu bastante esse ano” – diz alguém,
Não há maldade no que entra na boca de um homem, e sim, o que sai dela –
Diz uma simpática mulher, de amarelo,
Que bebe sua cerveja de um gole, sorrindo
Amassando a latinha e entregando-a em minhas mãos
Imaginei como seria. nós. Um dia,
Em sete ondas pular.
Quem é do mar não enjoa.

● HOMEM

Você mandou a notícia? Anda logo! Ele já vai saí pro al... Ele já vai saí pro almoço? Mais eu tenho quE revisá! Não vô mandá com erro dE português! Cara! Coroa! Depois cê conserta! O negócio é mandá logo e publicá! Depois já publicado você revisa! Não dá tempo! Não dá tempo! Olha lá! O cara Coroa! Já tá saindo. Eu ouvi eE. EIE já tá saindo. SE você não mandá logo, vai perdê a chance. Calma, velho! Coroa! Tô revisando aqui! Mais esse texto tá muito grande, cara! É só trezentos caractér, velho. Mais eu... Não dá pra revisá agora. Saco. Saco. QuE quE eu faço agora? Diminuiu o número de caractér? Não, sempre foi isso. Mais então como quE eu mandava antEs E não dava problema? Mais não tE cortavam um pedaço da notícia? Não sei. Eu nunca lia depois. Mais acho quE não porque o Mauro nunca veio falá comigo. Eu tô mandando imprimí. Vô lá. Té depois. TE encontro no Maneco. PedE já pra mim as bola de boi. Quero prová isso. Sexta é dia dE. Olha lá. Imprimiu! Tô indo. Falô. Então? Manda aquela otra notícia, cara. Si você deixá o cara Coroa! Si Você dexá ficá tE cortando não consegue publicá nunca mais. É, E sE não publicá mais tô fudido, vô pra rua. Ua. U-A. A-U. Au. Que? Cachorro. ParecE quE rolô um

acidentE feio na ViscondE hojE. Qual? Au. Que? Cachorro! A dE Guarapuava. Mais eu não vô mandá notícia dE acidentE, entE. Cara. Coroa. Não sô da Tribuna, velho. Coroa. Cara. Cê é burro? O acidentE é animal! Au! Au. Que? Cachorro! É imenso. A galera tá presa faiz dois minuto no trânsito. Ânbito. Mais não precisa dE acidentE, entE, pra ficá preso por dois minuto, uto, na Visconde, ondE. OndE? Na ViscondE! OndE? Na-Vis-con-dE! OndE. OndE? Na ViscondE. Foi? Publicô? Então. Parece que rolô um acidentE feio na Visconde hojE. Qual? A dE Guarapuava. Mais eu não vô mandá notícia de acidentE, cara. Não sô da Tribuna, velho. Cê é burro, cara? O acidentE é animal! É imenso. A galera tá presa faiz dois minuto no trânsito. Mais não precisa dE acidentE pra ficá preso por dois minuto na ViscondE. Tô tE falando velho. Dois minuto é tempo dEmais. Ninguém fica parado tanto tempo sem acidentE. DesdE a reforma o trânsito flui massa por lá. Tá pronta. Valeu. Vô mostrá pro cara lá. Espera. Porra! Já publicô, caralho! Comé quE podE? Comé quE podE publicá em dois minuto? Dois minutos!! QuE mané dois minuto, foi em quatro. Quatro minuto! Você levô uma vida pra escrevê a notícia, tem que se fudê. É lerdo. Porra! Quatro

minutos! AntigamentE rolava em quinze! Que?! Já foi publicado dE novo?! Não creio! DE novo! Velho, tô tE falando que a mulhé vai se matá. Como assim? Que é isso? Só o Getúlio fez dessa. Ela não tem solução, cara. SE ela não sE matá e morrê bonita na história, a galera invadE o planalto E mata ela. Mais como que eu vô escrevê? Ela nem devE tá no planalto, devE tá escondida. Velho, cê tá perdendo tempo! Tô tE dizendo que não importa! Depois você conserta! Escreve aí! Escreve aí! Pronto. Vô levá pro cara. Como assim? Já foi publicada? Tô tE dizendo, cara, tô tE dizendo: dois minutos antEs do fato não é jornalismo sério. Tem dE ser, no mínimo, quinzE.

Cilene Tanaka

VOX URBE

 Toda terça Abertura do Bar 21h
Entrada: R\$ 6,00

Worka Bar Rua Trajano Reis, 326, São Francisco 3026 6272



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro ·
Araucária. Fone: (41)3642-1622

cachimbo de vidro : são flores e dentes

Adriana Zapparoli



Coletivo Arbus

então,

osso de falange se ex-tende em busca de flores que se afundam em lodo... falanges de resinas, falanges que buscam flores em areia movediça, falanges preciosistas, falanges de negras falanginhas; porque falanges cardíacas são falanges apodrecidas, que dizem: “ - venha querida, confia em meu amor, porque sua asfixia será menos dolorida na mentira” ...

por corpos que flutuam rasos. em busca do verdadeiro,

pero

neuronas están el fondo del pelo. insula sin páncreas, un búcaro de flores perlas y aromas. pero sonó una hora en el reloj que marca su existencia... al orbe del silencio como dove asesino. un verdugo de taparrabos y trenzas. hoguera de niño distante y sin compromiso; en que semienterrada (esa honda) por la memoria (uma molécula carbonosa) en esta cosecha de dolor y el asombro. (núcleo celular en la tristeza) entre pelos su barba ...

porque

há um jeito único. há um entendimento, quase rude, no infinito do sentido comprimido em tom de nude: em aluminato de triciclo, no fusco do buraco e no ato de uma cárie profunda. é feito músculo em cabeça oriunda de lata por onde escapa o cefalópode, os seus ofídios e seus anelídeos, pintados em tom de ocre.... é no ocelo, em acre, que desaparece um talento. no doce de leite e no milho. porque a nata é o cárcere nato para quem procura algo dentro de um cachimbo de vidro, são flores em ânus, queimando os beijos, arrancando aréolas de seios em dentes, imprecisos ... são podres argumentos de encontros trigueiros,

y

aletargada, parece que dormita. una pesadumbre infinita besa esquiva. la ribera de una pupila de roja sangre y cristal undívago. alas de las piedras, nuestras palabras en parada de ómnibus, el banco de plaza, el parapeto de un edificio. la muerte es tan rápida en otros objetos ... para ser pulmón de pájaros y ocelos de pez o jardín de astros. el amor tiene ojos verdes ... más oscuro que las encrucijadas de la muerte. el amor tiene el tabaco entre los dedos, a veces entre los labios. amor ... beso con lengua una noche en diciembre. buscando el sol con sus manos temblorosas y mientras la muerte tose el sangre como césped de tumba ...

el amor tiene barba larga ... y ojos verdes.

Jéssica

Minha pequena, você acabou de completar dois anos e já é possível ver tantas características em você. Você ainda está aprendendo a pronunciar palavras enroladas, mas já podemos identificar o quanto é curiosa, forte e delicada.

Você chegou às nossas vidas consertando tanta coisa que parece pesado demais para uma menininha como você. Quando soubemos que você viria, as coisas entre suas irmãs e o papai não estavam tão bem. Existiam algumas pedrinhas e por algum tempo elas ficaram lá. A sua chegada nos ajudou a recolhermos as pedrinhas juntos e hoje só ficaram umas marquinhas que não chegam a doer. A sua chegada fez com que as suas irmãs olhassem mais para sua mãe. Elas reviram as coisas, conseguiram se aproximar e viram como ela é uma pessoa especial.

Eu gostaria de dizer que o maior dos pesos já passou, mas eu estaria mentindo, minha pequena. Eu gostaria de dizer que as coisas vão ser fáceis pra você. Que você vai continuar crescendo nos tapetes da sua casa e que você vai viver envolta nesse cobertor de amor que eu, nossa irmã, seu irmão, sua mãe e nosso pai construímos para você.

Mas, infelizmente, não vai ser sempre assim. A sua família é feita

em pedaços. O seu pai tem duas filhas, você já deve ter notado. Ele provavelmente será mais velho que os pais dos seus coleguinhas, pode ser que alguém implique com você por causa disso. Mas não ligue, o seu pai é um pai incrível e eu posso dizer isso por experiência própria.

A sua mãe já passou por muita coisa, tenha paciência com ela. Às vezes é difícil a gente lidar com os cuidados da mãe da gente, mas ela já tem um filho longe, por isso sempre que puder, fique grudadinha nela.

Seus irmãos são bem mais velhos que você e pode ser que você sinta falta de amigos dentro de casa. Não fique brava, dentro de cada um de nós três sempre vai existir uma criança com quem você sempre poderá brincar.

Suas duas irmãs se dedicam à arte e à política e isso pode ser um pouco sofrido pra você. Eu vou te dar muitos livros, mesmo quando você quiser um brinquedo novo. Mas fique tranquila, se tudo der certo, você logo vai se apaixonar pelas histórias.

Uma de suas irmãs é homossexual e talvez você vá ouvir algumas coisas tristes sobre isso, talvez você fique confusa, e até com um pouco de raiva. É normal. Quer dizer que você quer proteger quem você ama. Tente

resolver as coisas na conversa, se não der, deixe de lado, estaremos em casa esperando para te apoiar.

Você tem a sorte de ter um irmão mais velho e, acredite, isso era uma das coisas que estavam no meu caderninho dos sonhos impossíveis quando eu era criança. Aproveite isso. Um abraço de irmão protege de verdade.

A gente tem Deus no nome. E acreditar nele ou não é escolha sua. Papai e mamãe vão te ensinar algumas coisas, a escola outras. Não importa se você vai acreditar na teoria do big bang, em cristo, em energias ou espíritos, a sua crença tem que fazer bem para você, te dar paz.

Minha irmã, nunca subestime as pessoas e estude, estude muito. Não defenda nada sem conhecer, mas se defender e errar, não tenha receio em reconhecer e pedir desculpas.

Ainda é cedo, mas logo você vai para a escolinha e vai começar a conhecer pessoas. Alguns serão seus amigos e de outros você não vai gostar. Algumas crianças vão te machucar e você vai voltar chateada pra casa, mas meu amor, acredite, vai ficar tudo bem.

A vida é cheia de surpresas, minha pequena. E nem sempre poderemos te

proteger. Mas sempre que pudermos, pelo menos um de nós cinco estará ao seu lado. Se eu puder te dar apenas mais um conselho, vou pedir para não guardar mágoas. Guardar mágoas faz a gente envelhecer e perder o sorriso. E o seu é bonito demais pra se perder por aí.

Com amor,
Prisci

Priscila Schip

Leminski-se

Leonardo Ávila

Estamos apenas em maio e corro o risco de ser precipitado e exagerado, mas 2013 é o ano em que Curitiba, talvez também o Brasil, (re)descobre o curitibano Paulo Leminski. Com o lançamento da antologia poética *Toda Poesia*, o autor voltou às livrarias depois de longo período, entrou nas principais listas de livros mais vendidos do país e estampou seu característico bigode em jornais e portais.

Quando cheguei a Curitiba, os únicos autores destas terras que conhecia eram Dalton Trevisan e Cristóvão Tezza. Um dos meus momentos iniciais mais marcantes na Terra das Araucárias foi, ao tomar um café na cantina do campus da Reitoria da UFPR, ver o Vampiro Curitibano a passos de fugitivo adentrando a Livraria do Chaim. Fui correndo atrás do autor com o pretexto de comprar um lápis que fosse. Não cheguei nem perto de comprar algo, quanto mais perto de Trevisan.

Lembro que me falaram de uma tal Pedreira, com nome estrangeiro, e só. Quando lembro aquele início de 2010, tenho estranhamentos sobre como as diversas pessoas com quem tive contato não conheciam Paulo Leminski, ou, ao menos, não falavam comigo.

As primeiras palavras que li do poeta foram estas:

*apagar-me
diluir-me
desmanchar-me
até que depois
de mim
de nós
de tudo
não reste mais
que o charme.*

O poema estava escrito em algum muro no caminho do biarticulado entre Santa Cândida e o Centro de Curitiba. Aquelas palavras, com uma singela assinatura “P.L.”, foram arrebatadoras pra mim; nunca tinha visto algo parecido. Nem na forma, um poema pichado em local público; muito menos no conteúdo, realmente novo pra mim. Fiquei algum tempo com aquelas linhas na cabeça, ficava escrevendo em qualquer lugar. Bem como uma música-chiclete.

Abro parênteses e pergunto para quem quiser responder: qual outro autor tem seus poemas pichados clandestinamente?

Debrucei-me sobre os poemas de Leminski. Descobri os haicais, o concretismo, o jogo fonético das palavras, a liberdade de criação

peculiar. Nesse amálgama, a relação do paranaense bigodudo com Arnaldo Antunes, um dos meus músicos preferidos, foi ponto de convergência. Parecia que mesmo com tanta novidade estava em território conhecido.

A parceria entre o ex-Titã e o poeta deu poucas, porém belíssimas canções. Foram três músicas: **UTI**, **Além Alma** e **Luzes**. Esta última, minha favorita. Além de Arnaldo, vários músicos e bandas compuseram com Leminski ou, ao menos, gravaram canções dele. Gente do calibre de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Moraes Moreira, A Cor do Som, Blindagem, entre outros.

Quem ler a biografia escrita por Toninho Vaz, *O Bandido que sabia latim*, descobrirá que para o escritor a música tinha o papel de expor sua poesia. Assim, a preocupação maior de Leminski continuava sendo a brincadeira entre as palavras, significados e sons. Isto pode ser facilmente percebido na música Verdura:

*De repente me lembro do verde
A cor verde, a mais verde que
existe
A cor mais alegre, a cor mais triste
O verde que vestes, o verde que*



FISK
CENTRO DE ENSINO
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA
R. JOÃO PESSOA, 35
TELS: 3642-3690
3031-7040
CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR



Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

*vestiste
No dia em que te vi
No dia em que me viste*

Com o lançamento de *Toda Poesia*, foram ressuscitados vários debates sobre a obra de Paulo Leminski. O livro, apresentado pela poetisa e companheira de 20 anos de Leminski Alice Ruiz, reúne todos os livros de poesia do autor, alguns poemas perdidos e resenhas de personalidades como Caetano Veloso e Haroldo de Campos; tudo envolto numa vistosa capa laranja.

Para mal e para bem, a imprensa deflorou a obra, esmiuçou o conteúdo e abriu debate sobre a genialidade ou demência do curitibano. Aqueles que rotularam a poesia de Leminski como “datada, vazia e repetitiva” procuraram uma razão de ser para cada linha escrita, uma utilidade, um porquê, um motivo, quiçá um lucro. Conservadores no seu discurso sobre que é ou não poesia de verdade, enrijeceram a percepção para coisas mundanas, de fora das academias com cadeiras de veludo vermelho.

Não dá para analisar o conteúdo das mais de 400 páginas de *Toda Poesia* de maneira distante; tem que mergulhar, sentir, rir, ler em voz alta pra entender as cacofonias,

os truques e as histórias.

Em alguns pontos, a crítica de que a obra de Leminski é vazia chega ser risível. Quanto tempo cada um de nós ficou parado pensando no sentimento profundo destas três linhas:

*vazio agudo
ando meio
cheio de tudo*

Ou na longa história de um bicho de estimação que é narrado na mesma quantidade de versos:

*morreu o periquito
a gaiola vazia
esconde um grito*

A profusão de imagens que essas e outras tantas criações do poeta gera na mente dos leitores é rica, nova, vivaz. Esta é a característica que mais gosto nos poemas de Paulo Leminski: a vida. Ele mesmo disse, em um de seus livros de ensaios (não me lembro qual) que a “vida é um dom dos deuses, é para ser saboreada intensamente”.

E foi isso que ele fez durante a vida toda. Leminski parecia não escrever poesia, ele era a sua poesia. Transportou para todas as facetas da sua vida a poesia. Viveu de tudo e tentou de tudo. Para sustentar

a família foi professor de pré-vestibular, jornalista, publicitário.

Jovens na década de 60 e 70 amontoavam-se atrás de palavras e conselhos do vanguardista. Caetano, Maria Bethânia e Gilberto Gil também vieram conhecer a figura tão singular.

Creio que essa popularidade incomum de um artista das letras até hoje desperta inveja em críticos; desde que despontou no cenário cultural paranaense, nos longínquos anos 1970, Paulo coleciona desavenças com jornalistas especializados em literatura; as rugas mais famosas foram com Wilson Martins.

Também pudera, imagine a cidade de Curitiba em 1975, somado ao espírito mantenedor dos bons costumes peculiar daqui, tínhamos a Ditadura. Neste cenário, Paulo e seus colegas da agência de publicidade PAZ criam um pôster para a divulgação do lançamento do livro *Catatau*. Tratava-se de uma foto do escritor nu, cobrindo as partes íntimas com as penas dobradas e o nome do livro abaixo dele. Nunca tinha sido feito nada parecido para lançamento de livro no Brasil, até então.

Saltando para 2013, Paulo Leminski

estrelou seu bigode no primeiro *booktrailer* brasileiro. Narrado pelo amigo Arnaldo. O frenesi em torno da figura quase mítica do bigodudo ganhou fôlego (para desespero dos críticos), jovens lendo poesia em ônibus, praças, parques e escolas. O Museu Oscar Niemeyer fechou o salão principal com vida, obra e história de Paulo; a exposição fez de tanto sucesso que foi prolongada de 31 de março para 5 de maio.

Para a angústia dos mais conservadores, duvido que outro autor, outra figura venha a assimilar e incorporar conhecimento erudito e cultura pop como Leminski. Então, só o que podemos esperar é que a aura do curitibano emane mais e mais; que suas palavras ecoem por mais uma geração e que sua trajetória seja cada vez mais lembrada, e admirada.

Haja hoje para tanto ontem.

apagar-me

diluir-me

desmanchar-me
até que depois

de mim

de tudo

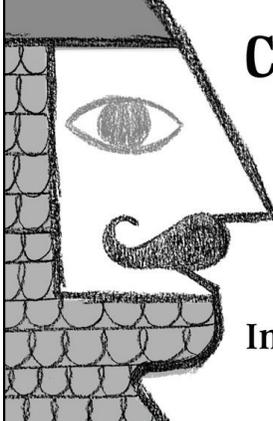
não neste mais

que o charme.



Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

AVON
the company for women



CORSO BRANCALEONE
Italiano+Arte+História+Literatura

Inscrições com desconto até 20/07
www.corsobrancaleone.com

História em branco

Leu. Releu. Retirou a página da máquina de escrever. Amassou e a jogou no lixo. Uma, duas, mil vezes...

Sentou-se novamente em sua cadeira almofadada. A cabeça fervilhando em milhares de informações e rancores. Olhou novamente para a lata de lixo, posicionada estrategicamente no canto leste de sua sala; sentia dali o cheiro da falta de um bom texto. Levantou-se, e ali, dentro do latão, com o fósforo que acendera seu Marlboro vermelho, ateou fogo ao filho indigno.

Não mais queria sentir aquele cheiro, não mais queria sentir aquele desespero que pulsava frio em seu sangue. Sentia que precisava escrever, era como uma necessidade, uma condição humana, como comer ou até mesmo ir ao banheiro, mas ainda assim, sua cabeça se negava a dar-lhe mais do que uma simples palavra. NADA.

Tragou uma, duas, três vezes seu vício, sem pausas. Devido à grande quantidade de nicotina ingerida, sentiu a cabeça aos poucos tontear, ficar leve, mas, não vazia. Sua pressão caíra, assim como seus joelhos. Despencara no chão frio, e com a testa na madeira, rezara. Rezara por sua alma, por um pouco de ideias, pelo mínimo que precisava. Rezara para um deus que não acreditara e que nunca o ajudara.

A cor, aos poucos, retornava aos seus lábios e face.

Voltou à sua cadeira, pensou em quanto ela lhe era desconfortável. Era uma cadeira antiga, comprada em um antiquário. Não pensara, na época, qual o motivo de no meio

de sua sala, recém-mobiliada, ter uma joia rara como aquela. Madeira grossa, relicário francês, com uma grande almofada vermelha, já gasta. De certa forma, em algum momento ela fora confortável, mas hoje, para ele, já não era mais.

Fácil era distrair-se com uma bela cadeira, escrever sobre, é que era difícil. Encarou então o seu maior medo. Não, não o encarara fixamente, mantinha um dos olhos fechado.

Havia uma nova página em branco no seu medo. O monstro teclava, e ele podia ouvir o som do bater daqueles botões semienferrujados, as perseguições dos pesadelos dizendo-lhe que era um fracassado, ENTER... Que nunca conseguiria escrever algo que prestasse, ENTER... Que papai e mamãe estavam certos, VÍRGULA... Ele não era ninguém, PONTO FINAL... Morra, EXCLAMAÇÃO... ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER, ENTER... Glupt, a folha foi cuspidada aos seus pés descalços. Tremendo, deixou-a lá, no chão, onde talvez fosse o seu lugar.

Não queria mais ver o rosto de seus pais, não queria mais sentir o gosto de suas críticas. Nem dos pais, nem do mundo.

Deitou-se no chão empoeirado de sua sala e, pela primeira vez, se perguntara quando havia sido a última vez que a varrera. Não tinha nenhuma lembrança de ter pego a vassoura, muito menos usado-a; talvez esse fosse o motivo da grossa camada de pó que ali se instalara. Tudo aquilo, afinal, eram sua única companhia, o pó, a máquina de escrever, o lixo,

seus cigarros e a falta de lembranças, ahhhh... A falta delas!

Sua vida ali se resumia apenas a isso. Ele era um porco solitário, e afastara-se de tudo à sua volta; sua família, amigos, casos, livros. Preferia assim. Afinal, nada mais o conseguia deprimir, a não ser o fato de não ter NADA, nem mesmo uma linha.

Ou será que tudo e todos é que haviam se afastado dele? Não sabia a resposta para esta pergunta, e muito menos tinha fôlego para tentar respondê-la. Deixou o fato em análise de lado; cansava-lhe demasiadamente a cabeça pensar nesse tipo de coisa. E, atualmente, a única coisa que ele mais resguardava era o fato de não se preocupar com nada. Já se tornara cansado de toda aquela porra.

Se ainda era deprimente? Sim, isso era. Mas ele se acostumara com a depressão, do mesmo modo que se acostumara com a poeira em seu chão, de, a cada dia, seus cigarros tornarem-se mais caros, e por fim com o fato de que o valor recebido em seu primeiro livro e único sucesso, já estar acabando, assim como se acostumara que não mais conseguiria escrever.

Ele simplesmente se acostumara a sobreviver. Não mais viver. E se acostumara a se acostumar.

Sua vida era, de repente, tão simples! E deitado, no mesmo chão empoeirado, ao lado da mesma cadeira desconfortável, deixou-se morrer, calma e lentamente, com os olhos bem abertos para, quem

sabe, espiar a Morte antes de partir. A visão dela, com sua capa preta e foice, talvez o fizesse criar um bom texto.

E assim ele se foi. Sem nada, sem lembranças, sem ninguém. A única coisa que lhe pertencia, no fim, era aquela deslumbrante visão; “a elegância da Morte atravessando a sala empoeirada, sentando-se em sua cadeira antiga, observando-o fixamente, até o fim”.

Mellissa Rocha Pitta

O poeta italiano Marco Scarpulla nasceu em 1979, em Caltanissetta, na Sicília. Reside em Catânia, onde trabalha como engenheiro eletricista, especialista em energias renováveis.

Escreve poesia desde os treze anos. As suas principais influências são Dino Campana, Emanule Carnevali, Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale, Cesare Pavese, Rimbaud, Baudelaire, Maiakovski e ademais poetas da 'Beat Generation' Jack Kerouac, Allen Ginsberg e Gregory Corso.

Atualmente é mantenedor da página comunitária Destination of Errant Souls. "Os meus versos nascem da observação real da vida, através de uma reelaboração estritamente pessoal, e estou sempre convencido que minhas poesias não sou eu que as escrevo, mas sim a minha vida, eu apenas aplico uma codificação de letras".

Mi muovo
 in un filo d'ombra
 nelle strade
 che non hanno storia.
 Riconosco le gocce
 che lasciate precipitare
 e ne sento la voce di allodola,
 una perturbazione vibrante
 senza il peso del visibile,
 e allora scavo nel fumo
 per ripararmi dal nitido,
 mi tengo segreto
 tra la punta di pennello
 che sanguina
 e la definizione della materia
 fino a divenire soffio!
 Un respiro che abbaia
 come il ricordo
 di un tango abbandonato.

Eu me movo
 em um fio de sombra
 nas estradas
 que não têm história.
 Eu reconheço as gotas
 que deixaste cair
 e ouvi na voz da cotovia,
 uma perturbação vibrante
 sem o peso do visível,
 e então cavo na fumaça
 para me abrigar do nítido,
 me tenho secreto
 entre a ponta do pincel
 que sangra
 e a definição da matéria
 até que se torne o sopra!
 Uma respiração que late
 como a recordação
 de um tango abandonado.

Marcos Scarpulla
 Tradução: Tullio Sartini

Juliana Valim



<<Viridianas >>>

Manolo Ramires

Viridiana anda de bicicleta. Até aí, essa frase não traz nada de especial que possa justificar uma crônica. Quantas não são as mulheres que a trabalho, lazer ou esportivamente utilizam-se de bicicletas? Centenas, milhares. Talvez se eu destacar algum detalhe único em sua magrela como equipamentos de última geração em seus freios ou revolucionário design, mas não é o caso dela. Talvez, então, se eu disser que a bicicleta utilizada por Viridiana seja uma herança de seus avós, de alguém especial que faleceu, ou ainda que a bicicleta que ela anda foi encontrada em alguma garagem, mas também não é o caminho. A bicicleta que Viridiana pedala é uma dessas comuns, compradas em supermercado, tendo como riqueza de detalhe apenas a cor rosa e a cestinha para carregar produtos. Ou seja, nada que justifique seguir lendo essa crônica. A não ser que eu conte que Viridiana tem um olhar sonhador em suas pestanas. Que ela tem os cabelos lisos e castanhos, como seus olhos, dando um aspecto de prima donna, de ninfa, e de que vê-la pedalando é como sentir a fragrância dos campos, mesmo que estejamos enfiados entre o gás carbônico dos carros, os perigos da falta de ciclovias e ciclofaixas e as barreiras das calçadas. Com Viridiana, que de bicicleta anda, tudo é mais lúdico.

Viridiana adora vestidos. Até aqui, a frase não desperta muita diferença das mulheres habituais. Quantas não são

as mulheres que, às suas maneiras, se enfiam num vestido longo? Talvez a sua curiosidade fique atizada em descobrir se Viridiana é adepta desses novos vestidos de moça, já que moça ela é, do tipo piriguete, marcando fortemente nos seios, na cintura, nos quadris e cobrindo metade das coxas. Se for adepta da vestimenta, logo imaginaremos que ela tem coxas forjadas em agachamentos, afundos e demais aparelhos de academia, o que só aumenta nosso interesse. Mas não é o caso. Os vestidos que Viridiana utiliza são sempre delicados, discretos nas cores, nos decotes e nem tão curtos (mas também nem tão longos) como a gente poderia desejar. Característico nela apenas as meias calças, o que pode despertar algum fetiche. Quanto à malhação, Viridiana prefere ocupar seu tempo vendo filmes, idealizando um romance ou lendo esta crônica, assim como você, porque querem saber o que há de demais, de demasiado diferente em adorar vestidos e andar de bicicleta ao mesmo tempo.

Viridiana tem uma filha. Dessa vez, a frase, misturada às informações de que ela tem uma bicicleta, têm vestidos, que utiliza a ambos, já justifica, em parte, nosso interesse. Aumenta ainda mais se eu contar que a filha da Viridiana nasceu quando a mãe dela estava na faculdade de jornalismo, não era casada e que essa benção (a filha em si) foi obra do acaso e, evidentemente, do

álcool. Muitos poderão enxergar uma irresponsabilidade ou dizer que a maternidade precoce é uma questão que atinge tantas famílias pobres como de classe média e até ricas – que podem esconder essa gravidez em qualquer aborto fora do país (ou os ricos não trepam, são hiperinformados e não se descuidam?). Todavia, esse caminho não dimensiona a felicidade, o amor, o zelo e a maturidade que Viridiana tem com a filha desde a educação para os bons costumes, passando por saber evitar que as divergências com o pai cheguem até a menina e na busca angustiante por uma nova escolinha, uma vez que a antiga faliu – melhor, fechou por causa dos lucros baixos.

Agora que você sabe de tudo isso, me diga se não gostaria de, estando em uma esquina curitibana, bem nos primeiros raios de sol da manhã, ver Viridiana, em sua bicicleta, de delicado vestido e meias calças, com seu grande sorriso e olhar doce, enquanto leva sua filha à frente, na cadeirinha, bem amigas e felizes, a caminho da escolhida creche, a desviar dos carros e das buzinas estressadas? Isso não animaria, de certa forma, o seu dia a ponto de escrever uma crônica? A mim também. O texto está escrito. Só falta elas passarem de bicicleta.

Papagaio Pipa

L'enfant apprend le vent

Jean Foucault

Enfants n'oubliez pas
Quand vous aurez grandi
Le cerf-volant qui volera toujours
Au-dessus de vous

Meninos não esquecem
Quando ser nao grandes
O papagaio voará sempre
Por cima de si.

Pipa papagaio
Le vent apprend le cerf volant

Pipa papagaio
O vento aprende o papagaio

Diriger un cerf volant
Est un bel apprentissage
Et il faut aussi le courage
De le ramasser

E uma aprendizagem
E também é preciso coragem
Para o apanhar

Papagaio Pipa
L'enfant apprend la main

Papagaio Pipa
A criança aprende a mão

L'enfant apprend le fil
L'enfant apprend le ciel
Il rêve d'être là-haut
Et de voir ce qu'on y voit

A criança aprende o fio
A criança aprende o céu
Ele sonha estar lá bem alto

Pipa papagaio
L'enfant apprend la vie

Para ver o que pode se ver
Pipa Papagaio

Car la vie est entre terre et ciel
La vie est la tête dans les nuages
Et les pieds sur terre
C'est ainsi qu'on se développe

A criança aprende a vida
Porque a vida está entre a terra e o
céu
A vida tem a cabeça nas nuvens
E os pés na terra
E assim que a gente se desenvolve

Pipa papagaio il vole au vent
L'enfant au cerf volant

Pipa papagaio, voa com o vento
A criança e seu papagaio

Et parfois le soir
Quand le temps est bien clair
On peut voir devant la lune
Le cerf-volant et l'enfant.

Às vezes, de noite
O tempo está bem claro
A gente pode ver na lua
O papagaio e a criança.

Papagaio Pipa
A criança aprende
o vento

Le motif de la résistance, c'est l'indignation.

On ose nous dire que l'État ne peut plus assurer les coûts de ces mesures citoyennes. Mais comment peut-il manquer aujourd'hui de l'argent pour maintenir et prolonger ces conquêtes alors que la production de richesses a considérablement augmenté depuis la Libération, période où l'Europe était ruinée ? Sinon parce que le pouvoir de l'argent, tellement combattu par la Résistance, n'a jamais été aussi grand, insolent, égoïste, avec ses propres serviteurs jusque dans les plus hautes sphères de l'État. Les banques désormais privatisées se montrent d'abord soucieuses de leurs dividendes, et des très haut salaires de leurs dirigeants, pas de l'intérêt général. L'écart entre les plus pauvres et les plus riches n'a jamais été aussi important ; et la course à l'argent, la compétition, autant encouragée.

Le motif de base de la Résistance était l'indignation. Nous, vétérans des mouvements de résistance et des forces combattantes de la France libre, nous appelons les jeunes générations à faire vivre, transmettre, l'héritage de la Résistance et ses idéaux. Nous leur disons : prenez le relais, indignez-vous ! Les responsables politiques, économiques, intellectuels et l'ensemble de la société ne doivent pas démissionner, ni se laisser impressionner par l'actuelle dictature internationale des marchés financiers

qui menace la paix et la démocratie.

Je vous souhaite à tous, à chacun d'entre vous, d'avoir votre motif d'indignation. C'est précieux. Quand quelque chose vous indigné comme j'ai été indigné par le nazisme, alors on devient militant, fort et engagé. On rejoint ce courant de l'histoire et le grand courant de l'histoire doit se poursuivre grâce à chacun. Et ce courant va vers plus de justice, plus de liberté mais pas cette liberté incontrôlée du renard dans le poulailler. Ces droits, dont la Déclaration universelle a rédigé le programme en 1948, sont universels. Si vous rencontrez quelqu'un qui n'en bénéficie pas, plaiguez-le, aidez-le à les conquérir.

Agora ousam dizer-nos que o Estado não pode mais garantir o custo destas medidas cidadãs. Mas como é possível afirmar que falta dinheiro para manter e aperfeiçoar estas conquistas quando a produção de riquezas aumentou consideravelmente depois da Libertação, período onde a Europa estava arruinada? Talvez porque o poder do dinheiro, tão combatido pela Resistência, jamais tenha sido tão grande, insolente e egoísta com seus próprios servidores, inclusive nos mais altos escalões do Estado. Os bancos, doravante privatizados, mostram-se, antes de tudo, preocupados com seus dividendos e com os altos salários de seus dirigentes, não com o interesse geral. A distância entre os mais pobres e os mais ricos jamais foi tão relevante, e a corrida pelo dinheiro, a competição, nunca foi tão incentivada.

A principal razão de ser da Resistência era a indignação. Nós, veteranos dos movimentos de oposição e das forças combatentes da França livre, apelamos às jovens gerações a manter viva, transmitir essa herança da Resistência e seus ideais. Nós lhes dizemos: garantam a continuidade, indignem-se! Os responsáveis políticos, econômicos, intelectuais e a sociedade inteira não devem desistir, tampouco se deixar impressionar pela atual ditadura internacional dos mercados

O motivo da resistência é a indignação.

financeiros que ameaça a paz e a democracia.

Eu desejo a todos, a cada um de vocês, que tenham seu motivo de indignação. Isso é muito importante, muito valioso. Quando algo nos indigna, como o nazismo me deixou indignado, nos tornamos militantes poderosos, engajados. Reunimos-nos nesta corrente da história, e a grande corrente da história deve prosseguir com a força de cada um de nós.

Essa corrente segue em busca de justiça, de mais liberdade, não esta liberdade descontrolada da raposa no interior do galinheiro. Estes direitos que compõem a Declaração Universal, cujo programa foi redigido em 1948, são universais. Se você encontrar alguém que não se beneficie deles, defenda-o, ajude-o a conquistá-los.

Stéphane Hessel

Tradução de Luíz Horácio

SARGENTONA DISFARÇADA DE MÃE

Ela sabia que havia alguma coisa errada com o filho mais velho. Culpa da gestação, culpa do abandono do pai, culpa do casamento que não acontecera. Sandra cita mil motivos, ao mesmo tempo que não conclui nada. Na verdade, ela não tinha consciência do que havia causado aquilo, mas sabia que havia algo errado com Manoel.

Segundo Sandra, o problema começou com ela mesma. A primeira gravidez não foi uma festa; estava mais para um velório. Iria dar à luz ao filho que tanto queria, mas não teria um marido para segurar sua mão na hora do parto. Nem o casamento ela teve, na verdade. O noivo resolveu não comparecer, sabe-se lá por que. “Eu estava me sentindo abandonada, então tive uma gravidez muito triste, solitária”, conta a simpática mulher, sem medo de julgamentos.

Sandra acredita que, de alguma maneira, transferiu para Manoel o que sentiu durante a gestação. O menino, no entanto, não fazia o tipo calado. Também não tinha vocação para ser solitário. Muito pelo contrário, sempre estava rodeado de muitos amigos. Muitos, esse era o problema. Além de ter muitos amigos, fazia muitas coisas ao mesmo tempo. Às vezes, também era muito agressivo. A essência de Manoel era o excesso, o exagero.

Quando o muito se transformou em pouco, e o rendimento escolar do menino passou a ser mais baixo que o normal, a mãe entrou em alerta. “Eu achava que ele tinha déficit de atenção e cheguei a procurar ajuda médica”, relembra. Mas as queixas

de Sandra entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Algumas vezes, nem chegavam a entrar. Todos os médicos que ela procurou se negaram a ajudar. O jeito era empurrar com a barriga, e foi isso que Sandra fez. Mais tarde, chegou até a arrumar um pai postiço para Manoel, e lhe deu também um irmão.

Família completa, mas não perfeita. Em determinado momento do casamento, Sandra descobriu que o marido havia começado a beber. Para lidar com o problema, ela passou a frequentar um grupo de apoio para familiares de alcoólatras.

Quando viu que a ferida era mais “embaixo”, Sandra desistiu do casamento. “Depois, eu descobri que ele também usava outras drogas. Aí eu pensei: não tem como criar dois meninos com um homem que bebe e usa drogas”, conta.

As coisas com Manoel também não iam bem. Os surtos de agressividade sem razão aparente haviam voltado. “De repente, ele tinha uma agressividade muito grande, e eu não sabia o porquê disso”, confessa Sandra.

O marido, mesmo dedicando grande parte do tempo aos vícios que havia adquirido, percebeu a situação e, em um momento de sobriedade, fez um alerta para ela: “Você precisa salvar esse menino, você precisa fazer alguma coisa para ajudá-lo”. A primeira atitude de Sandra foi dar um fim ao casamento.

A certeza

Roupas escuras e apertadas. Cabelo liso, franjinha para o lado esquerdo. Depois que o padrasto foi embora, Manoel passou a ser representante do movimento emo, uma tribo urbana que se considera mais emotiva do que o restante da população.

A mãe não viu com bons olhos. Achava que se tratava de um distúrbio no comportamento do filho mais velho. “Eu pensava que ele era homossexual”, conta Sandra, com um tom de voz mais baixo. A fase durou pouco, para o alívio da mãe.

O jeito introspectivo – típico do movimento emo – deu lugar a uma personalidade rebelde. Com apenas 13 anos, Manoel parecia carregar as frustrações de um senhor de idade, tamanha a revolta que sentia. Contra a própria vida, contra a mãe, contra tudo.

Em uma das demonstrações de rebeldia do menino, Sandra perdeu a cabeça. Depois de ter sido repreendido pela mãe, Manoel abaixou as calças e mostrou a bunda para ela. Indignada com a atitude, Sandra puxou violentamente do armário uma cinta e disse: “Você tá pedindo pra apanhar”.

Quando viu que a ameaça não havia surtido efeito, ela avançou para cima do menino. Enquanto batia nele, dizia, transtornada: “Você pediu pra ter essa atitude, você pediu!” Sem pestanejar, Manoel retrucou a mãe: “Isso mesmo, eu quero que você me bata”, disse, em um tom desafiador.

Quanto mais Sandra batia, mais o filho pedia para apanhar: “Bate mais! Você tem que bater mais!”, dizia, sem parar. Depois desse momento, Sandra teve certeza de que algo estava errado com Manoel.

Raphael Moroz &
Milena Beduschi

Trecho inicial de uma das histórias verídicas que compõem o livro “Algemadas – A trajetória de mães que adoeceram com a dependência química dos filhos”, lançado pela Editora Íthala em março deste ano. A obra está à venda nas livrarias Curitiba e Saraiva e também pode ser adquirido pelo site ithala.com.br.

YPÊTU?



estábuli i i i ishment!

OMNI

bus

ine

língu ; relha

\$\$?

mesmomento



Coletivo Arbus

*Via tudo o
que podia
ver*

Eu via os restos

Sobre a mesa
Caídos, distintos
Esperando que algo lhe busque
Esperando o destino parar
Eu sentia o perfume ardente
Do ar seco
E do bafo úmido
Vagando em meus sonhos
repetitivos
Eu via a televisão
Sobre a estante imóvel
Buscando sua existência
Inquietamente nas noites de chuva
Ela sugava meus olhos vivos
Na sala iluminada
Eu via os tempos calados
E os segundos passando
Pelos ponteiros da antiga máquina
Agonizantes minutos
Esperando a hora atravessar
Lágrimas caíam em vão
Nos agouros desprovidos
De uma cegueira repentina
Mas durante as manhãs
Eu via o sol
Magnânimo e resplandecente
E nas noites limpas
A linda lua
Em sua lucidez incontestável
E na risonha face entrecortada
Eu via a escolha de um novo dia
Vivendo nos estros atrativos
Um vácuo que me convém.

Matheus Toniolo

DILUIR-SE

A réplica do Paul Klee há tempos perdida fora finalmente achada. Sua temporada no anonimato, entretanto, fez com que seu valor (que era sentimental e estético, apenas) também se perdesse. O peixe dourado nada mais significava e nele descansava a taça de vinho. Era uma superfície aleatória, manchada pela bebida derramada. Fernando estava certo que como os homens, a arte é inútil. Nem sempre ele foi assim, mas Fernando não era mais o mesmo. Seu quarto permanecia limpo, apesar dos múltiplos objetos nele atulhados. Desde quando acordara, ainda de madrugada, Fernando estava prostrado diante da janela ouvindo a canção da chuva que tamborilava na janela. De lá viu a rua, assistiu o crescente movimento de ir e vir de carros até tornar-se uma insânia frenética, contemplou o despertar dos homens na aurora das suas jornadas pessoais e os adivinhou ocultos por seus guarda-chuvas. A chuva era uma bela canção e sua visão um quadro borrado por ela.

Um expectador do caos, Fernando ansiava também diluir-se com a chuva.

Sid Summers

Aniversário da avó

Cheguei à casa de minha avó no fim da tarde, situação inexistente havia meses. Lá estavam uma sua amiga do coral e minha tia-avó, se tia-avó tiver hífen. Quinzeminutos antes, dobrando a esquina do meu apartamento, tinha vivido a surpresa de encontrar um sujeito com gramofone à venda. Curiosamente, estou certo de tê-lo visto semana passada, caminhando com o mesmo gramofone perto de onde costumamos comer kebab. Não há outra pessoa vendendo gramofone nas ruas de Curitiba nem a pau.

Seu nome é Jesus (do sujeito, não do gramofone), cabeludo, tatuado no braço esquerdo e panturrilha direita, unhas raivosamente mordidas. Ele me pediu R\$600 no charmoso aparelho, que funciona e existe desde mil nobecientos diés - Jesus não é brasileiro e conhece nada da cidade. Troca por notebook, celular, ou qualquer esquema que dê dinheiro. Duvido que seja de 1910. Foi com gramofone e com Jesus na cabeça que entrei na sala de minha avó; não o Jesus que ela gostaria, decerto.

A amiga do coral, daqui em diante Amiga-do-coral, com hífen, começou a conversar comigo. Ela é daqueles idosos com quem se fala mais alto, pausado. Cara de quem já teve AVC, a bem da verdade. Com um olho mais aberto que o outro, ambos manchados nas pálpebras, expressava-se com clareza e se mostrava alegre; só tinha

dificuldades em separar os filhos e netos de minha avó, perguntando a cada 15 minutos quem era quem, geneologicamente.

“Qualquer jovem quer e tem mesmo é que viajar”, disse a tia-avó (doravante tia, magra, cabelos lisos e assumidamente cinzas, fumante de carteirona). “Jovem? Quebrei meu pé em Saragoça ano passado e tô pronta pra outra!”, interrompeu a entusiasmada Amiga-do-coral, que agora tinha vencido meu respeito.

O lado de lá do Rubicão no que diz respeito à velhice é bem simples: você pode gostar de novela, pode ser obcecado por qualquer novela, mas a partir do momento em que se a refere como “minha novelinha”, sua cabeça passou da linha. Não há meu futebolzinho, meu onibusinho, minha osteoporosezinha; “minha novelinha” é assinar velhice, independentemente da idade.

Tia explicou que, no enredo, há um time de futebol de brancos ricos, e eles agora precisam de um negro na equipe. A trama de Lado a Lado, pois, se passa no início do século XX, e imediatamente me surpreendeu pela qualidade de filmagem e cenário. Nunca prestei atenção em novelas e não carrego absolutamente nada contra quem acompanha - um pouco com quem chama de minha novelinha, não nego -, apenas nunca

criei o hábito e sou totalmente ignorante nessa área.

Queria contar a ela sobre o maledetto Paolo Di Canio e fascismo no futebol, mas tive preguiça. Não porque ela não entenderia - tia é e sempre foi letradíssima, certamente entende mais de fascismo que eu - mais por receio de ser desinteressante. Então me limitei a comentar que ainda há muito racismo no esporte (sendo assim inócuo e óbvio; desinteressante).

Quando outros parentes chegaram, minha avó fez café, um puta café, como de costume, e Amiga-do-coral tentou se localizar geneologicamente outras vezes, sempre imprecisa. Não posso reclamar; também não memorizei seu nome, questão de foco?, e contei que havia visto um gramofone à venda. Para meu espanto, ninguém se importou muito. “Seu avô tinha um rádio antiquíssimo, está lá na despensa; seu tio sempre diz que vai levar para consertar, mas está lá há décadas!”.

Ainda sentada à mesa, Amiga-do-coral contou como é cortejada pelo mesmo sujeito há anos, e o quanto supostamente quer se livrar dele, utilizando a falsa modéstia de uma adolescente popular no ensino médio - de repente estávamos num Gossip Girl geriátrico.

Tia-avó recuperou as rédeas da conversa. “E você, Lourenço? Não vai viajar agora em Maio?”, “A princípio não, tia, talvez no fim do ano”, “E aquele seu texto pra Gazeta?”, “Sai sábado!”. “Sábado vou estar viajando; vamos visitar um amigo... Mas pode deixar que leio na internet”. E eu pensando em gramofone.

Lourenço Mouro



Agora ninguém mais pode dizer que Curitiba não tem sol. Venha conhecer um espaço com conceito ampliado de:

Fisioterapia
Pilates
Massagem rítmica
Terapias corporais
Drenagem linfática
...e muito mais...

Solange Maria Costa
Crefito 5611-F

(41)3089.7994 - 9838.7994
Rua Júlio Eduardo Gineste, 1341
Santa Quitéria - Curitiba

COLETIVO
ARBUS
ARTE VISUAL

O Coletivo Arbus é uma empresa de arte, design e fotografia que deu-se início em 2012 pela fotógrafa Camila MG e a artista visual Vanessa Alves. Para conhecer um pouco mais do trabalho do Coletivo, acesse a página no Facebook. /ColetivoArbus.

**EDUARDO
GALEANO**

JUNHO | R 2013

Pedro Carrano

**VLADIMIR
MAIAKOWSKI**

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos,
Ela se afasta dois passos.”

as últimas braçadas
quase chegando ao cais
e à medida que chegamos
o horizonte se refaz



Iara amara



“nas calçadas pisadas
de minha alma”

não há fim,
não há meio-fio
que encerre
as fronteiras,
que mapeie
o território
do grande acontecimento:
a fusão entre o eu,
os outros
e o eu por mim mesmo

**EMILY
DICKINSON**

meus ombros são frágeis galhos –
suportam apenas o mundo –
e desmoronam quando um pássaro



O MELHOR DO FUTEBOL,
COM BOM HUMOR!

www.allejo.com.br

Toda Letra
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses

 www.todalettra.com.br

 @todalettra_

 facebook.com.br/todalettra

 contato@todalettra.com.br